

Traços da memória: a charge no jornalismo

Traces of Memory: The Cartoon in Journalism

Merabe Pereira da Costa MORAES¹

Resumo

O presente trabalho tem como intenção apresentar um relato histórico do surgimento da charge no jornal impresso. E com isso, mostrar também uma análise descritiva e histórica, com base nos dados levantados em busca bibliográfica e de fontes online abertas específica da charge e, posteriormente, apresentar os resultados obtidos, tecendo comparações entre os formatos impresso e a transição para o digital. E como objetivo central deste é conhecer os momentos cruciais da história da charge e a sua função na imprensa. No corpus serão apresentadas o surgimento da primeira charge no Brasil, a construção do gênero dentro jornal impresso e em seguida, far-se-á análise da primeira charge publicada. Para finalizar, apresentaremos os traços em comum entre as charges impressas e as digitais nos jornais online.

Palavras-Chave: Charge. Jornalismo impresso. Jornalismo Digital. História da charge.

Abstract

The purpose of this paper is to provide a historical account of the emergence of cartoons in print media. It also aims to offer a descriptive and historical analysis based on data gathered through bibliographic research and open online sources specifically related to cartoons. The paper will then present the results, drawing comparisons between the print format and the transition to digital. The central objective is to explore the key moments in the history of cartoons and their role in the press. The corpus will cover the origins of the first cartoon in Brazil, the development of the genre within print journalism, followed by an analysis of the first published cartoon. Finally, we will examine the common traits shared between printed and digital cartoons in online newspapers.

Keywords: Cartoon. Print Journalism. Digital Journalism. History of Cartoons.

Introdução

O humor, na maioria do tempo, é visto como algo que não tem a ver com a academia e muito menos com a ciência, espaços da razão. Não raramente o desenho de

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI.
E-mail: merabecosta@gmail.com

forma geral é deixado de lado no lugar onde a escrita se torna a linguagem privilegiada. Contudo, é correto afirmar que o humor e os desenhos contidos na charge têm poder e isso se nota na quantidade cada vez maior de trabalhos acadêmicos abordando tal linguagem.

Assim é que se falando sobre o surgimento da charge, esta deve à caricatura sua elevação como gênero de sátira e humor. Importa mencionar que estudos sobre a antiguidade do gênero chargístico revelam que a caricatura foi a base para o surgimento de uma charge desde tempos remotos.

Portanto, o presente trabalho faz uma busca histórica por meio das técnicas e linguagem de humor que são utilizadas pelos chargistas em suas produções jornalísticas, o que contribui para uma melhor compreensão desse campo que vem despertando cada vez mais o interesse de diversos estudiosos nas mais diferentes áreas do conhecimento e no jornalismo contemporâneo, especialmente sua migração do impresso para o virtual, fazendo-se necessário uma busca na memória como ferramenta essencial para a construção dessas charges, que baseiam-se em fatos e acontecimentos tanto do presente quanto do passado que é chamado de ‘primeiro rascunho’ (Zelizer, 2008, p. 81) que através do profissional de jornalismo transforma essas memórias em versão acabada. “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [e] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado (Nora, 2009, p. 9)”.

Quando nos propomos a fazer uma busca na história e temos que ir aos “lugares da memória”, constatamos que esse resgate na memória nos obriga a criar e refazer vários fatos e acontecimentos que foram importantes e que não são espontâneos e nem naturais, então fazendo essa conexão de História e Memória poderemos nos apropriar e reescrever esses fatos.

Com isso podemos afirmar que o jornalismo contemporâneo que conhecemos está enraizado em um passado que só é ativado quando no presente procuramos esta memória jornalística para confirmar ou convergir as imparcialidades dos fatos noticiados no presente.

No jornalismo esse acionamento da memória repercute na produção e desenvolvimento jornalístico de maneira a apresentar com dados concretos sob a luz de novos fatos que são importantes na nossa sociedade.

Sendo a importância deste trabalho dá-se em primeiro lugar pelo interesse da

pesquisadora em trabalhar com um gênero do discurso que utiliza não apenas elementos da linguagem verbal, mas também da não verbal e sua relação nos meios jornalísticos, pois ambas podem ser concebidas como manifestação discursiva, participando da construção dos efeitos de sentido dos discursos e por ser um gênero que usa os recursos imagéticos e linguísticos para suscitar a imaginação e capacidade de representação do leitor.

Feita essa essencial digressão, passemos a falar especificamente sobre o objeto principal deste trabalho, iniciando-se com sua definição.

A charge surge no jornal impresso na Europa

Na aurora do século XIX, o artista realista francês Honore Doumier fez uma crítica ao governo francês com um desenho chamado “Gargantua”. Esse gesto interpretativo e ousado ganhou destaque, quando foi veiculado no jornal impresso.

E assim a história moderna da charge teve seu início, quando pessoas que se posicionavam contra um governo tiveram a coragem de criar uma nova forma de se expressarem, diante de um governo que se mostrava intolerante com as possíveis críticas que advinham a sua tirania e os desmandos de seus representantes.

Essa nova forma de protestar contra o governo conseguiu aliar imagem e texto, por meio de uma linguagem que muitas vezes irreverente e com pitadas de humor, conquista a simpatia de uma sociedade que de alguma forma procurava um meio de se manifestar contra o governo e assim na medida que ia se propagando a nova forma de fazer esse gênero consolidou-se e tornou-se um dos mais apreciados até os dias de hoje.

Figura 1 – Honoré Daumier. Gargantua. 1831. Jornal Le Charivari

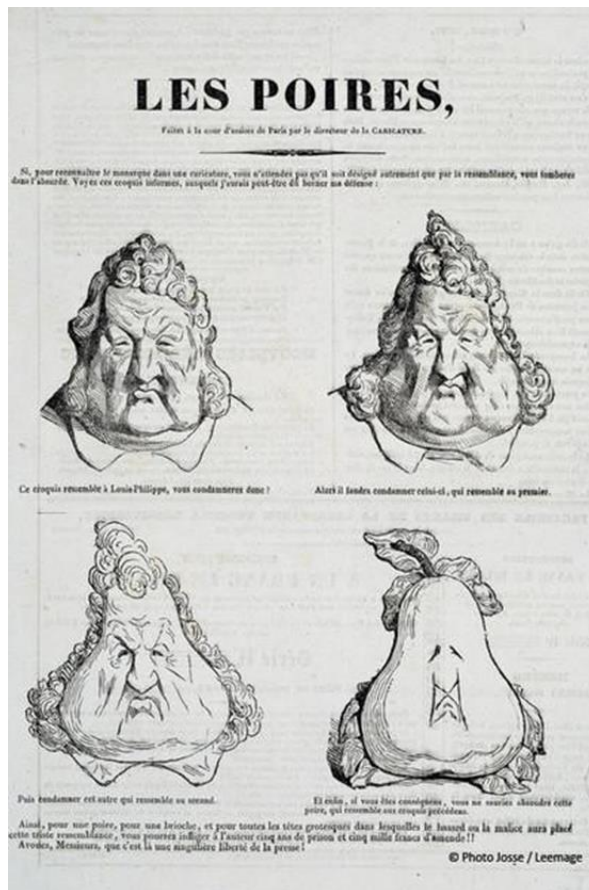


Fonte: Nanquim.com.br

²Historicamente, na França, o surgimento da caricatura política sempre correspondeu a períodos de crises sociais e políticas: o movimento da Reforma, a Revolução Francesa, a monarquia de julho, o caso Dreyfus, por exemplo.

Figura 2 - Honoré Daumier. Les Poires. La Caricature, janeiro de 1832, Paris, Musée Carnavalet.

² Disponível em: <https://nanquim.com.br/gargantua-de-honore-daumier/>



Fonte: Lapham's Quarterly³

No XIX século, o desenvolvimento da imprensa e da invenção da litografia dará origem a um grande número de jornais, como o *L'Assiette au Beurre*, semanal com dezesseis páginas a cores, com tendência anarquista, podendo ser considerado como um ancestral de publicações oriundas dos movimentos sociais ou estudantis da década de 1960, como *Hara-Kiri* (1960) e *Charlie Hebdo* (1970).

Na França, a charge é uma tradição republicana, protegida pela lei de liberdade de imprensa de 1881 e pela jurisprudência dos tribunais.

A palavra Charge advém do francês *Charger*, significando carregar, exagerar, atacar, sendo que conforme Rabaça & Barbosa (1995). Ela se constitui na relação com outros discursos, que se constituem na tensão do dizer com a memória discursiva.

O dicionário Houaiss traz a seguinte definição de charge:

³ Disponível em: <https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/royal-image-goes-pear-shaped>

Desenho humorístico, com ou sem legenda ou balão, veiculado pela imprensa e tendo por tema algum acontecimento atual, que comporta crítica e focaliza, por meio de caricatura, uma ou mais personagens envolvidas. Do francês *charge* (S. XII), significa carga que por extensão quer dizer que exagera o caráter de alguém ou de algo para torná-lo ridículo, representação exagerada e burlesca. (Houaiss, 2001).

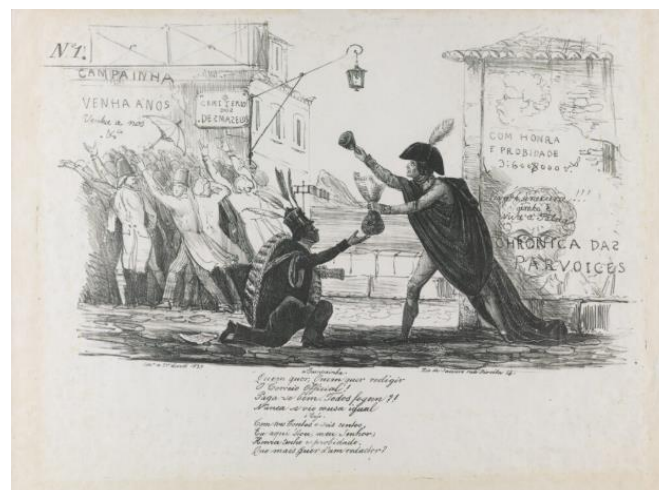
A charge, após se consolidar no suporte jornalístico, foi se destacando com mais intensidade e outros jornais passaram a publicá-lo. Deste modo, a charge jornalística impressa ultrapassou as fronteiras da França e conquistou os jornais do mundo inteiro.

A charge surge no Brasil

No Brasil, a primeira charge data de 1837, poucos anos após a independência do país. A charge, com o título de *A Campanha e o Sujo*, circulou por 160 réis nas ruas do Rio de Janeiro sem a assinatura do autor, o pintor e poeta Manuel de Araújo Porto Alegre.

Tratava-se, na época, de uma sátira ao assunto tratado pelo jornalista Justiciano José da Rocha. Este denunciava as propinas recebidas por um funcionário do governo ligado ao Correio Oficial. Com elementos excessivos e dotados de muita informação no princípio, o processo das charges foi se aperfeiçoando e chegou a uma linguagem simples e acessível, capaz de captar o sentido em segundos.

Figura 3 – Manuel de Araújo Porto Alegre. A Campanha e o Sujo. 1837.
Fund. Biblioteca Nacional



Fonte: Nanquim.com.br⁴

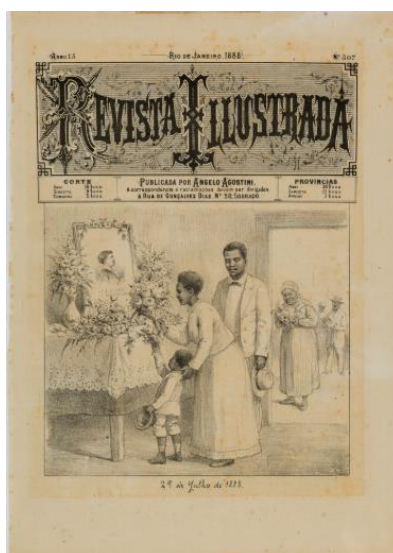
⁴ Disponível em: <https://nanquim.com.br/1837-a-campanha-e-o-cujo-de-manoel-de-araujo-porto-alegre/>

Conforme Teixeira (2001), a revista *Lanterna Mágica*, criada por Manuel de Araújo Porto Alegre, foi aquela que iniciou o humor político na imprensa brasileira. Embora as revistas ilustradas originárias dessa época veiculassem a informação utilizando-se de discursos satíricos, a sátira apresentada por estes meios de comunicação ainda não tinha as características da charge.

Ainda no Brasil, houve o lançamento da *Revista Ilustrada*, em 1876, capitaneada pelo multi-artista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, mostrando uma visão muito crítica da realidade brasileira, em especial do Rio de Janeiro, então capital do Império, por meio de caricaturas de si próprio, representadas por personagens fictícios que satirizavam os problemas da cidade.

Ângelo Agostini, primeiro chargista a utilizar a charge como crítica e conteúdo ideológico, transformando-a em um texto quadrinizado, sistematizando as narrativas e m permanentes consequências, sincrônicas em relação ao tempo e ordenadas no espaço, contudo, não se deve confundir as charges de Agostini com história em quadrinho, pois as charges de Agostino têm conteúdo eminentemente políticos e focados na observação crítica da realidade.

Figura 4 – Angelo Agostini. Revista Ilustrada. 1888.



Fonte: museuafrobrasil⁵

⁵ Disponível em: <https://online.museuafrobrasil.org.br/acervo/revista-illustrada-29-de-julho-de-1888/>

A *Revista Ilustrada* se engajou na campanha abolicionista e serve de veículo para posições anticlericais e republicanas. Segundo Joaquim Nabuco, a "*Revista Ilustrada* era a Bíblia Abolicionista do povo que não sabia ler".

Ainda de acordo com Teixeira (2001.), nos últimos anos da Monarquia acontece o segundo momento de desenvolvimento da charge no Brasil. Neste momento histórico, a charge se posiciona como uma forte oposição à política imperial, fazendo uso de elementos de humor associados à crítica política.

As charges do período relacionado aos últimos anos da Monarquia, representavam com desdém as crises institucionais da segunda metade do século XIX. Desse modo, *A Revista Ilustrada* é considerada a publicação mais popular da Monarquia, e Ângelo Agostini, com seu traço pessoal, soube atacar a sociedade aristocrática utilizando a temática das duas principais temáticas sociais preocupavam os poderosos da época: a abolição da escravatura e a proclamação da República.

Desse modo, Agostini tornou-se o primeiro chargista a explorar um projeto de mudança estrutural da sociedade, enquanto concede à charge a função crítica e o conteúdo ideológico, cujo objetivo principal não é fazer rir, e sim fazer refletir (Teixeira, op. Cit).

A charge na ditadura militar

Durante o período em que ocorreu a ditadura militar no Brasil – de 1964 a 1985 –, não apenas a tortura física vitimou muitas pessoas no país, a cultura e a intelectualidade foram duramente perseguidas e alcançadas pela censura, e mesmo diante de tal situação colaborou para recontar a história do período por outros ângulos, além de representar uma forma de resistência ao regime.

Desse modo, a charge foi utilizada, no período acima, principalmente na imprensa alternativa, como instrumento de crítica ao governo ditatorial militar. Todos os eventos políticos que advieram desse período, encurtaram o espaço do humor gráfico nas grandes revistas, devido à censura imposta aos meios de comunicação.

Em 1969, no auge da ditadura Militar, surgiu o jornal humorístico mais importante e influente do país: *O Pasquim* (Goodwin, 2011, p. 538). Nesta época o *Pasquim* mostrou-se como um grande farol para a charge nacional, sendo que segundo Goodwin (2011, p. 538), foi a partir dele que, no humor gráfico nacional, passou a

predominar a charge, em detrimento do cartum, ocorrendo isso em razão da necessidade de reagir à ditadura militar.

O *Pasquim* “fechou as portas” no ano de 1991, sendo que desde então nenhum outro periódico de humor teve tanta expressão, apesar de tentativas terem sido feitas, como em *O Pasquim 21* e a revista *Bundas*.

Figura 5 – O Pasquim nº 01. Rio de Janeiro. 1969.



Fonte: Nanquim.com.br⁶

Do papel para o digital no Brasil

A partir disso, com o fim da década de 1980 e a chegada dos anos de 1990, surgiu na história da humanidade a internet, a qual mudou completamente as relações entre a humanidade e seus veículos de mídia, que até então parecia dogmático.

Ainda na década dos anos 1980, Tim Berners Lee, o inventor do WWW (World Wide Web), desenvolve um programa com a função de organizar os dados, de modo a serem “empacotados” e transmitidos entre vários computadores, sem perda da informação, facilitando dessa forma a navegação, pois a interface gráfica era mais

⁶ Disponível em: <https://nanquim.com.br/1969-o-pasquim/>

amigável e se baseava no princípio de que caberia ao usuário buscar as informações que desejasse na rede.

Com a facilidade acima e a chegada da metade dos anos de 1990, a internet começou a influenciar a mídia jornalística de forma inexorável. Desta feita, o primeiro grande jornal que ofereceu serviços inteiramente online foi o San Jose Mercury News, o qual começou fornecendo gratuitamente resumos de notícias via América Online, sendo que a partir daí houve a inclusão total da edição impressa do jornal, mas um tempo depois, os editores do jornal passaram a cobrar o acesso ao seu conteúdo.

Os jornais e veículos de mídia impressa no Brasil, em geral, ainda na década de 1990, buscaram seu espaço na rede de computadores, mesmo que de forma bastante rudimentar. O primeiro periódico a ingressar nessa mudança foi O Jornal do Brasil, ainda em 1995. Logo após, a NetEstado, do Grupo Estado, sendo que no ano de 1996 a Folha de São Paulo e o O Globo, do Rio de Janeiro, também lançaram seus portais na internet.

Desse modo e utilizando a definição de ondas do webjornalismo, pensadas por Larry Pryor (2002), o qual busca dividir cronologicamente as fases de desenvolvimento do jornalismo online, poderíamos afirmar que os tradicionais meios de comunicação brasileiros chegaram à rede mundial de computadores na chamada “Segunda Onda”, que vai do ano de 1993 até o ano de 2001.

A partir dessa definição, a “Primeira Onda” se deu entre 1982 e 1992. E a Terceira, a partir de 2001, tendo como uma de suas principais características a relação do jornalismo com as plataformas móveis (Twitter, facebook, Youtube, Instagram). Diante disso, conforme Orozco Gomez (2009, pp. 183-184):

A convergência tecnológica que atualmente multiplica as combinações de formatos, linguagens e estéticas, nas diversas telas, abre novos cenários e possibilidades que, por sua vez, contribuem para facilitar outros modos de interação comunicativa às suas audiências (...) [e] as audiências vão deixando de ser apenas isso e vão se tornando usuárias, produtoras e emissoras, uma vez que a interatividade que as novas telas possibilitam ultrapassa a mera interação simbólica entre elas, para situar as audiências (...) como possíveis criadoras de seus próprio referentes e não apenas recriadoras simbólicas de significados ou interpretações dos referentes produzidos e emitidos por outros através dessas telas (Gomez, 2009. pp. 183-184).

Nesse caminho, outros veículos também entraram na rede: O Estado de Minas, Zero Hora, Diário de Pernambuco e Diário do Nordeste. Entretanto, somente no ano de 1996, houve o lançamento do Brasil Online, primeiro jornal em tempo real, em língua portuguesa, da América Latina, conhecido hoje na rede como Folha Online.

Quatro anos após a Folha Online, o provedor de acesso à Internet Grátis (IG), colocou na rede o portal de notícia “Último Segundo”, um jornal digital produzido especialmente para a Internet brasileira. Dito isso, é importante salientar o ensinamento pelo historiador Eric Hobsbawm, (1995, p. 485)

(...) a alta tecnologia tornou possível percorrer, em alguns segundos, toda a gama de canais de televisão existentes, (...) qualquer criança pode congelar fotogramas e repetir um som ou trecho visual, como antes só se podiam reler trechos textuais; (...) a ilusão teatral não é nada em comparação com o que a tecnologia pode fazer em comerciais de televisão, inclusive contando uma história dramática em trinta segundos (Hobsbawm, 1995, p. 485).

Importante mencionar que toda essa metamorfose pela qual passaram os jornais brasileiros, também atingiram na mesma medida a época das charges. O jornalismo online facilitou tanto o chargista como o usuário desse meio, possibilitando maior compreensão e dispondo de um espaço para algumas discussões desses fatos que são diariamente noticiados.

Assim, as tecnologias digitais potencializaram o contato entre o jornalismo e o usuário, bem como a democracia em expressar-se sobre notícias sobre política, saúde e educação, assuntos que porventura causam conflitos de entendimento e que mais tiram opiniões deste usuário.

A importância da charge

Como demonstrado, a charge, com o passar dos anos, se desvincilhou da caricatura, em que pese em sua gênese ter sido em muito confundida com esta, sendo que adotou como sua marca a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, o que sugere uma gama de possibilidades de interpretações em suas utilizações inseridas em um contexto jornalístico crítico que deve ser identificado por diferentes usuários desse veículo.

O grande volume de produção das charges, que ultrapassou as margens dos jornais e migrou com sucesso para as telas de computadores, *smartphones* e afins, está intimamente ligado, entre outras questões, à necessidade do ser humano em produzir críticas ao sistema sociopolítico no qual se encontra inserido, principalmente no que tange àqueles que detêm o poder político e/ou econômico ou simplesmente ironizar, contradizer no simbólico um acontecimento sociopolítico dado numa determinada sociedade.

Uma vez que a charge é um discurso e tem em sua marca a relação entre os interlocutores, como todo o discurso, possui uma exterioridade (simbólica e ideológica/política) que se origina a partir de um acontecimento histórico, incomensurável e produz uma leitura interpretativa dos fatos que é assimilada por sujeitos leitores e, assim constitui parte de um imaginário social sobre um dado assunto.

A charge como um discurso, que gera efeitos de sentidos, carregado de incompletude e movimentação de sentidos nas imagens que se materializa em texto e faz parte do discurso jornalístico.

Deste modo, diante do surgimento de vários meios de produção comunicacional, a charge tem sido utilizada como importante estratégia comunicativa reveladora dos mais amplos e notórios acontecimentos na sociedade e principalmente nos processos políticos.

Em que pese a charge ser vista muitas vezes como um texto leve e inocente quando, na realidade, tem por principal objetivo retratar um fato que está na mídia de maneira cômica e intencional, ou seja, sob uma ótica particular de visão de mundo, não se comprometendo a levar os fatos ao leitor de maneira transparente e objetiva, mas de modo intencionalmente opaco e valorativo, proporcionando a esses leitores possíveis outras interpretações e entendimento das situações.

Diante disso, observamos que há uma mescla entre o humorístico e o linguístico que merece ser analisada, tendo em vista que a inter-relação entre ambos constitui uma manifestação poderosa e atuante em nossa sociedade, servindo como seu reflexo ideológico e até mesmo como libertador em situações conflituosas.

E por ser um tipo de texto eclético, a charge propicia uma pluralidade textual e pode tornar-se um excelente recurso de conscientização no exercício da cidadania, sendo que, a charge está imbricadamente associada ao humor gráfico e pelo exagero dos traços e pela síntese dos fatos, e como já mencionado, a charge explicita uma crítica

à realidade social e política, enfocando um flagrante da real situação da sociedade em que está sitiada por muros das censuras em meio de uma guerra política

Ao abordar a importância da charge, Flôres (2002, p. 10) afirma o seguinte:

Não só do seu valor como documento histórico, como repositório das forças ideológicas em ação, mas, também, como espelho de imaginário de época e como corrente de comunicação subliminar, que ao mesmo tempo projeta e reproduz as principais concepções sociais, pontos de vista, ideologias em circulação (Flôres, 2002, p. 10).

Ainda sobre Flôres (2002, p. 11), este aponta que a charge como “um interessante objeto de estudo por aquilo que mostra e diz de nós mesmos e do mundo em que vivemos”. A referida autora deixa em ênfase que ela “contém grande potencial de questionamento crítico e de confronto de opiniões a respeito da organização social, dos arranjos políticos e da disputa pelo poder”.

Considerações finais

O presente trabalho que tem como mote a história da Charge jornalística, a qual se torna justificado e pertinente o presente trabalho, eis que tal gênero discursivo trabalha com estereótipos, ou seja, representações que estão cristalizadas na sociedade e isso possibilita ao leitor uma leitura ou (re)leitura mais interpretativa dessas reproduções.

O gênero charge, na maioria das vezes, veicula um discurso “proibido”, que não poderia ser tratado da mesma maneira por outros campos discursivos. Assim, o discurso humorístico aborda um sem número de questões que se relacionam direta ou indiretamente com temáticas e polêmicas sociais e culturais as mais diversas: políticas, religiosas, as de natureza moral e/ou ética, costumes, tradições, valores, dogmas, tabus, preconceitos e estereótipos.

A charge é um gênero que trabalha com fatos temporais que circulam em meio a sociedade através de vários suportes. No caso do presente trabalho, as charges escolhidas foram veiculadas na internet, em especial nas edições online do jornal Folha de São Paulo, divulgadas durante as campanhas eleitorais para presidente no ano de 2018.

A partir do exposto, é possível verificar que as charges constituem um rico

objeto de análise para o estudioso, em vários campos do saber, inclusive, visto que eles possuem elementos abundantes para contribuir com um estudo completo do funcionamento e da estrutura da comunicação verbal e não verbal, além de se consolidarem como um elemento importante na comunicação jornalística.

A imagem não é, em definição, realidade, é apenas um reflexo. No entanto, é difícil manter a distância entre o que queremos mostrar e o que acaba sendo verdade. Os chargistas brincam com isso. Eles exageram as características da realidade para criar uma nova dimensão dela. Mostrar é encenar, fazer as pessoas acreditarem. Quando se torna política, a charge é uma arma, um verdadeiro contra poder, apesar do peso de uma censura de longa data, na França como em outros lugares. Uma coisa é certa: a história não se desenvolve apenas por meio de textos.

Por fim, a charge, ao contrário de outros gêneros, só encontra seu sentido pleno em conexão com os eventos sociopolíticos que a justificam e dos quais não pode ser isolada. Está, portanto, registrado no efêmero, tem um lado perecível porque é feito para um momento determinado.

Referências

CAVALCANTI, Cristiane Renata da Silva. **Discurso político na charge**. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

CENNI, F. **Italianos no Brasil**: “andiamo in Merica”, São Paulo: Edusp, 2003.

GOMEZ, G. O. Educação para os meios e práticas de recepção midiática. **Comunicação & Informação**, v. 1, n. 2, p. 310-319, 1998.

GOODWIN, R. A monovisão dos estereótipos no desenho de humor contemporâneo. In: LUSTOSA, I. (Org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 535-555.

LIMA, Maria Francisca Morais de. **O humor como estratégia de compreensão e produção de charges**: um estudo inferencial das charges de Myrria. 2016. 167 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

LUCIANO, Jociane da Silva. **O discurso humorístico nas charges da Tribuna do Norte**. 2013. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**. a problemática dos lugares. Projeto História 10. PUCSP, São Paulo, 1993. p. 9.

PRYOR, Larry. **The third wave of online journalism**. Disponível em: <http://www.ojr.org/ojr/future/1019174689.php>. Acesso em 13 de novembro de 2024.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TEIXEIRA, L. G. S. **O traço como texto**: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

TEIXEIRA, L. G. S. **Sentidos do humor, trapaças da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. D.E.L.T.A, v. 6, n. 1, 1990, p. 55-82.

WOLTON, D. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Tradução Isabel Crossetti. 3. ed. Porto Alegre: Sullina, 2001.